

RELAÇÃO ENTRE VIDA E MORTE: TRAÇOS DO SUJEITO NA ERA DO BIOPODER EM *ESTAR SENDO/TER SIDO*, DE HILDA HILST

Jaciane Martins Ferreira (CAPES/ PPGEL/UFU)

ferreira_jaci@hotmail.com

Resumo: Em *Estar sendo/Ter sido*, de Hilda Hilst, o personagem Vittorio, um senhor de 65 anos, vive uma experiência de morte ainda em vida. Ele, então, conclui não ter muito para fazer na vida além de passar por essa preparação. Seu pensamento o faz mudar da casa, onde vivera durante toda sua vida, para uma aldeia; com ele, mudam também seu filho, Júnior, e seu irmão, Matias. Percebemos que há uma leitura de si feita por Vittorio, levando-nos a pensar no fato de ele estabelecer-se em um entrelugar que não é mais vida e, ao mesmo tempo, não é morte. De acordo com Foucault (2007), esse exercício de (re)fazer-se a partir de um olhar para si leva o sujeito a gozar de uma dada liberdade, o que configuraria como um governo de si. Para Llopis (1985), a experiência da morte algo que está dentro de todos nós, mas continua sendo reprimida em vez de vivida. Se cada um vivesse sua experiência de morte, poderia encontrar-se consigo mesmo ou encontrar o seu próprio oculto. Assim, nesse trabalho, pretendemos refletir sobre a temática *morte*, no sentido de vislumbrar a trajetória que o sujeito discursivo inscrito na obra hilstiana produz a partir daquilo que mencionaremos de um processo bio-histórico, pois acreditamos que escrever-se a si se configura em uma rede em que o biopoder regulamenta as posições do sujeito, produzindo não somente história, mas uma bio-história.

Palavras-chave: Morte; Escrita de si, Bio-poder.

Palavras iniciais

Em *Estar sendo/Ter sido*, Hilst (2006a), temos a história de um personagem chamado Vittorio, senhor de 65 anos, cuja idade e experiência o levam a preparar-se para a morte. Ele, então, conclui não ter muito para fazer na vida além de passar por essa preparação. Seu pensamento o faz mudar da casa, onde vivera durante toda sua vida, para uma aldeia; com ele, mudam também seu filho, Júnior, e seu irmão, Matias. A novela é dividida em duas partes: a primeira composta por diálogos entre Vittorio e seus dois companheiros, na qual percebemos o retorno a si que esse personagem faz, relembando de sua ex-mulher e das prostitutas com quem manteve relações sexuais durante sua vida; já na segunda parte, Vittorio já não tem a companhia dos dois, vive com sua empregada e um moço incumbido de servir-lhe bebidas durante a noite. Assim, Vittorio passa a maior parte de seu tempo consigo mesmo. Esses dois momentos

convergem para a composição de um quadro sobre a escrita de si, pois Vittorio despende muito de seu tempo fazendo retomadas de memória.

Percebemos que há uma leitura de si feita por Vittorio, levando-nos a pensar no fato de ele estabelecer-se em um entrelugar que não é mais vida e, ao mesmo tempo, não é morte. De acordo com Foucault (2007), esse exercício de (re)fazer-se a partir de um olhar para si leva o sujeito a gozar de uma dada liberdade, o que configuraria como um governo de si. Para Llopis (1985), a experiência da morte é algo que está dentro de todos nós, mas continua sendo reprimida em vez de vivida. Se cada um vivesse sua experiência de morte, poderia encontrar-se consigo mesmo ou encontrar o seu próprio oculto. Para esse autor, a primeira experiência que o homem tem com a morte diz respeito ao cadáver, até o momento da morte, esse cadáver era alguém da familiar, passando a ser outro e, conseqüentemente, causando horror às pessoas que o cercam. Isso porque não mais pertence a uma ordem tida como normal. Em tempos remotos esse cadáver era tido como algo que passou de um ente querido para um ser endemoniado. Para proteger-se desse cadáver, “o mais primitivo dos homens levanta acampamento com sua tribo e segue viagem abandonando o cadáver. O menos primitivo o enterra e tampa com uma pedra pesada para que esse não escape. Já o homem moderno nega a existência da vida além-túmulo”³³ (LOPPIS, 1985, p. 04). Para Loppis, foi pelo comportamento das pessoas ante a morte que ela passou a ser tema na literatura de horror e depois nos contos fantásticos.

Desde o surgimento do cristianismo a vida passou a ser exaltada, enquanto à morte foi relegado um lugar secundário, proibido. Para Llopis, as pessoas que passam por experiência de morte aprendem a cultivar a vida com mais afincamento. Tendo em vista o vazio deixado pela vida em relação à morte, em uma era em que a vida sobrepõe a morte, nesse trabalho, pretendemos refletir sobre essa temática, no sentido de vislumbrar a trajetória que o sujeito discursivo inscrito na obra hilstiana produz a partir daquilo que mencionaremos de um processo bio-histórico, pois acreditamos que escrever-se a si se configura em uma rede em que o biopoder regulamenta as posições do sujeito, produzindo não somente história, mas uma bio-história.

Aspectos sobre o sujeito e a morte

³³ Tradução nossa, do original: “para proteger-se de él, el hombre más primitivo levanta acampamento y toda La tribu huye del paraje donde queda el cadáver. El menos primitivo lo enterra y coloca encima una pesada losa para que no escape. El hombre moderno niega la existencia de la vida de ultratumba.”

De acordo com Luper (2010), em seu livro *A filosofia da Morte*, há muito a morte se faz presente nas discussões filosóficas. O autor, então retoma a teoria de Epicuro, difundida por seu seguidor Lucrécio de que não é preciso que nos preocupemos com a Morte, quando morremos passamos para um estágio de inexistência, assim como o era antes de nascermos. Quando Foucault (2006a) analisa os filósofos do período helenístico, seu percurso se torna necessário para entender como as meditações em torno de si levaram o sujeito para uma dada governamentalidade. Foucault não entende a meditação como um ato egoísta, para o autor, ela é imprescindível para a busca e o entendimento de si.

a morte não é apenas um acontecimento possível, é um acontecimento necessário. Não é apenas um acontecimento com alguma gravidade absoluta. E enfim a morte pode ocorrer, bem sabemos, a qualquer momento. Portanto, se quisermos, é realmente para esse acontecimento como infortúnio por excelência que devemos nos preparar pela *meléte thanátou*, que constituirá um exercício privilegiado, aquele no qual ou pelo qual precisamente faremos culminar a premeditação dos males. (FOUCAULT, 2006, p. 579-580)

Essa preparação, de acordo com o autor, seria uma forma de o sujeito lançar o olhar para si mesmo por meio do ponto de vista da morte. Ou seja, meditar sobre ela no sentido de senti-la perto de si. Há, segundo Foucault (2006, p. 582), duas maneiras de o sujeito perceber-se por meio da meditação sobre a morte: a primeira delas é um exercício que nos permitiria “adotar uma espécie de visão do alto e instantânea sobre o presente, operar pelo pensamento um corte na duração da vida, no fluxo das atividades, na corrente das representações”. Esse olhar, segundo o autor, permite que o sujeito mude os rumos de sua vida ao perceber novas possibilidades de ocupações para fazer quando chegar o instante de sua morte. A segunda forma seria o olhar para si em forma de retrospectiva, ver o que fez durante a vida.

O cuidado de si proposto por Foucault (2006, p. 554) está estreitamente ligado a uma noção de memória individual. Nessa acepção, o sujeito tem como tarefa principal conhecer-se para depois “conhecer o que já havia conhecido”. Em *Estar sendo ter sido*, tentamos olhar para a forma que Vittorio fala de seu passado e olha para si como um ser que está morrendo, como uma forma de meditação. Vejamos o excerto:

1- Somos todos assim esgarçados, os sentimentos tendem a alastrar-se na velhice, não, não é isso, os sentimentos tendem a alastrar-se, procuram os inícios, os ‘como era mesmo?’

2- Como era mesmo conosco, Hermínia? e porque não te chamas Beatriz? Hermínia é seco comprido estreito e eras tão dulçorosa e meiga e tão pequena. vou escrever outra carta à Hermínia. não faça isso, Vittorio, as cartas podem servir de prova num tribunal. ela não se atreveria, falo das dela também putarias (p. 25)

Os excertos um e dois fazem parte de um momento da narrativa no qual Matias está plantando pitas em volta do cercado da casa deles, os dois estão juntos de cócoras. Vittorio parece admirar Matias por sua beleza, corpo, vida sexual e idade, apesar de o irmão ser apenas dez anos mais novo que ele. A idade é algo que sempre aparece nas discussões de Vittorio. Ao ver as raízes esfiapadas das pitas, Vittorio compara a velhice a elas, como se ao ficar velha a pessoa também se desmanchasse em fiapos.

Prestemos atenção no enunciado *os sentimentos tendem a alastrar-se na velhice*, como dissemos na introdução Vittorio faz uma leitura de si. Isso significa que ele medita sobre quem é naquele momento e o que foi durante toda sua vida. Para ele, os sentimentos *procuram os inícios*. Lemos esse enunciado, considerando o que Foucault (2006a) expôs como a necessidade de um exercício de memória que o sujeito faz para interpretar-se, ele não consegue interpretar o presente sem olhar para o passado. De acordo com Foucault (2006a, p. 582)

É o julgamento sobre o presente e a valorização do passado que se realizam neste pensamento sobre a morte, que justamente não deve ser um pensamento sobre o porvir, mas um pensamento sobre mim mesmo enquanto estou morrendo. (FOUCAULT, 2006a, p. 582)

Vittorio fala de si, pensa em si como ser que está morrendo, mas não deixa de pensar sobre os outros que estão ao seu redor. Como podemos ler no livro, ele incitou o relacionamento de Hermínia com o amante, não a quis perto dele. Às vezes fala que ela o deixou, mas deixa pistas de que foi o contrário. No excerto dois, primeiramente, Vittorio tenta buscar em sua memória a maneira como era o sentimento dele e Hermínia: *Como era mesmo conosco, Hermínia?* Hermínia não está lá para responder a pergunta, ela só aparece nas memórias durante toda a narrativa. Vittorio quer saber como eram os sentimentos, como eles se perderam e o porquê de ele ter restado daquela forma. Ele também a questiona sobre o seu nome como se não condissesse com sua doçura e meiguice, *e eras tão dulçorosa e meiga e tão pequena*.

Vittorio, em nossa interpretação, oscila entre um passado distante e o presente que o cerca. Ele não tem mais a mulher a seu lado, fala dela com desprezo e

com carinho. Como se ele passasse de uma fase a outra de sua vida sem dar-se conta disso. Nessa preparação para morte, Vittorio se olha retrospectivamente para entender o que é, ao mesmo tempo em que vê o seu presente. Não contente somente com as lembranças, o narrador escreve cartas para sua ex-mulher. Matias o adverte dizendo que é melhor que não o faça porque a carta poderia incriminá-lo de alguma forma. Contudo, nessas cartas, pelo que mostra a preocupação de Matias, não há somente as lembranças boas, mas também as ruins, *ela não se atreveria, falo das dela também putarias*.

A carta revela mais do sujeito por mantê-lo em contato direto com sua alma, ou melhor, em contato diretamente consigo. Apresenta-o a si mesmo como sujeito, ao mesmo tempo em que se mostra para o outro como sujeito de uma moral. É como se a escrita constituísse “uma espécie de experiência e uma espécie de pedra de toque, revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas no inimigo” (FOUCAULT, 2006b, p. 145). A carta compõe parte do suporte para trazer as memórias de Vittorio.

Quando falamos de escrita em relação ao livro *Estar sendo ter sido*, estamos também dizendo de um falar de si mesmo, ele fala de si e de suas memórias, ao mesmo tempo em faz uma leitura de sua vida para colocar-se enquanto ser que está morrendo. Ou seja, ele inscreve-se a si nesse percurso. Ao longo da narrativa percebemos as oscilações feitas por Vittorio em meio a essa busca por sua verdade. Vejamos o próximo excerto:

3- Hermínia, já sabes, só penso na morte, nos meus ossos lá embaixo, no nada que serei (tu, um dia, também, isso me consola, **se só eu e que ficasse solitário lá embaixo seria demais para mim**) às vezes penso em mandar fazer um projeto de meu túmulo.

4- e eu choro Hermínia, **choro do velho que estou ou que me sinto**, choro porque não sei a que vim, porque fiquei enchendo de palavras tantas folhas de papel... para dizer o quê, afinal? do medo, um medo semelhante ao medo dos animais escorraçados, e pânico e solidão, e tantas mesas tantos livros tantos objetos, esculturas, cerâmicas, caixas de prata... aliso-me, e minha pele está cheia de manchas e amarelas. Matias insiste que sou vermelho, mas sinto que devo ir a algum lugar onde encontrarei alguma coisa. (HILST, 2006, p. 29)³⁴

Nos excertos um e dois, Vittorio lembra carinhosamente de Hermínia, logo começa a insultá-la em uma carta, acusando-a de traição. Para ele, Hermínia o traía em sua casa. Os excertos três e quatro fazem parte de uma longa carta que Vittorio escreve a sua ex-mulher. Lemos uma carta a Hermínia, nela Vittorio continua oscilando entre

³⁴ Grifos nossos.

maltratá-la e lembrar-se do que viveram juntos. Apesar de Matias e Júnior o trem acompanhado, na maior parte da narrativa, é Hermínia a maior interlocutora de Vittorio. Ele quer saber dela, não entende se ela está ou não com Alessandro (o amante). O nosso personagem, então, está passando por um processo de subjetivação. Como já afirmamos, ele está se construindo nesse novo lugar.

A carta que ele escreve para Hermínia se configura como forma de meditação. De acordo com Foucault (2006b), meditar seria exercitar-se diante de um novo pensamento. Não se pode, de acordo com autor, entender esse ato de meditar como o entendemos hoje. Ou seja, “uma tentativa para pensar alguma coisa sem aprofundar seu sentido” (FOUCAULT, 2006b, p. 428). Essa meditação seria, então, o fato de o sujeito apropriar-se de algo e fazer disso uma verdade. Acreditamos ser isso que passa com Vittorio, ele se apropria da ideia de que está morrendo e acredita ser isso uma verdade.

A escrita é, assim, um elemento de exercício e um elemento de exercício que traz a vantagem de ter dois usos possíveis e simultâneos. Uso, em certo sentido, para nós mesmos. É escrevendo, precisamente, que assimilamos a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos implantar-se na alma, implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso, virtualidade física. (FOUCAULT, 2006b, p. 432)

Dos excertos três e quatro, temos duas ideias que convergem em uma só direção, quais sejam: a solidão e o envelhecimento. Por mais que Vittorio pareça encarar o envelhecimento como uma morte já presente, ele tem medo de ficar sozinho, *e só eu e que ficasse solitário lá embaixo seria demais para mim*. A contradição desse sujeito vem para nos mostrar sua constituição, ele despreza a ex-mulher, ao mesmo tempo a ela que ele reclama o medo da solidão. Já o envelhecimento, por mais que ele prepare, ele não pode ser considerado como “uma forma de morte” (LUPER, 2010, p. 55). Não pode ser considerado por questões fisiológicas, como também por questões culturais. Como já pontuado, a vida ganhou um destaque bem maior que morte desde o cristianismo e essa aplicação na vida faz com que o sujeito sofra também divisões. Ele tenta colocar-se no lugar de um ser que está morrendo, mas não consegue.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Michel Foucault:Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Ditos & Escritos V, p. 144-162)

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

HILST, Hilda. **Cartas de um sedutor**. São Paulo: Globo, 2002b.

LLOPIS, Rafael. El cuento de terror y el instinto de la muerte. In: BORGES, Jorge Luis et. al. *Literatura fantástica*. Madrid: Ediciones Siruela, 1985.

LUPER, Steven. **A filosofia da morte**. São Paulo: Madras, 2010.